



O DOUTOR DAVID LIVINGSTON.

O doutor David Livingstone, escocez de origem, nasceu em Blantyre, na Escocia. Desde muito moço mostrou grande disposição para as aventuras perigosas e arrojadas. Pertencendo a uma familia religiosa, os seus parentes, logo de mui moço, dirigiram-lhe a educação para um fim piedoso. Apenas de dezoito annos, entrou n'um seminario, e tomou ordens, com intentos de propagar em terras longinquas a religião anglicana, satisfazendo ao mesmo tempo a sua inclinação pelas viagens.

Em 1840, o doutor Livingstone foi á Africa meridional ter com os confrades que ali estavam; e em attenção á sua piedade, e distinctas qualidades, o doutor Moffat, chefe dos missionarios inglezes em Kolobeng, escolheu-o para seu genro, e coadjutor no apostolado.

O doutor Livingstone deixou-se guiar pelos mais nobres sentimentos para emprender suas longinquas explorações. Eis os termos com que elle proprio relata o que o induziu á primeira viagem:

«Não desejo se julgue que acreditei poder por mim mesmo cumprir promptamente uma grande

obra; mas espero que me será permittido trabalhar por tanto tempo, quanto viver, na propagação das verdades do Evangelho em paizes onde outros missionarios não penetraram até hoje; e comtudo, cada uma das excursões emprendidas com este designio, obrigar-me-ha a separar de minha familia por quatro a cinco mezes.»

Estas viagens principiaram no primeiro de Junho de 1849, e pode com justiça dizer-se que n'estes oito annos decorridos o doutor David Livingstone é, de todos os viajantes que tem penetrado no centro da Africa do sul, aquelle que mais viu, e cujas excursões tem sido mais apreciadas pelos sabios.

Por toda a parte o missionario tem tido a fortuna de ser festejado e honrado; actualmente occupa-se elle na sua quinta viagem, e para com bom exito a levar a effeito, com utilidade para a sciencia, veiu o anno passado a Lisboa impetrar do nosso governo licença, se auxilio das autoridades das nossas colonias d' Africa, cujas circunvisinhanças ia resolvido a percorrer e estudar.

Cada uma das precedentes quatro viagens do doutor Livingston foi notada por incidentes de tal importancia, que bastaria uma só d'estas viagens para lhe immortalisar o nome: andou annos atravez de florestas, e pantanos, por meio de valles submergidos, subindo rios, cercado de selvagens hostis e cubiçosos, victima de padecimentos e febres, sem muitas vezes ter um amigo a quem se podesse confiar, um **companheiro** com quem conversar, afora o criado que comsigo levou do paiz.

O aventureiro viajante recebeu, porém, da natureza, todos os dotes necessarios para o bom exito da empresa em que se empenhou. Sua força muscular, audacia, coragem natural, sciencia medica, firmeza, prudencia, paciencia, finura, e mais que tudo o profundo estudo dos costumes, usos, e lingua dos bechuanas, ajudam-no poderosamente.

D'estas viagens tem a sciencia já recolhido, além de outras vantagens, o conhecimento exacto da topographia d'aquella parte d'Africa, preenchendo-se assim pelo acurado estudo do doutor as lacunas que havia na carta geographica d'aquella região.

Os jornaes tem tratado d'estes trabalhos do missionario anglicano, e as suas viagens tem visto a luz publica escriptas em inglez, e tem sido já traduzidas em varias linguas. Já n'este jornal nos temos servido d'ellas em algumas descripções que havemos feito, e continual-ahemos ainda, porque cada dia vão apparecendo novas noticias, que nos fazem conhecidos os usos d'aquelles povos até agora tão arredados da civilisação europea.

OS ULTIMOS ANNOS DO REINADO DE D. AFFONSO V.

COM DOCUMENTOS INEDITOS.

VIII.

Continuação

A princeza Isabel, apenas teve noticia da morte de Henrique IV, fez-se proclamar rainha, com toda a solemnidade, em Segovia, aos treze do mez de Dezembro de 1474, como já dissemos. Grande numero de nobres assistiram a esse acto prestando juramento de fidelidade, contando-se entre elles o cardeal D. Pedro Gonzales de Mendoza, o condestavel de Castella, o duque do Infantado, e o conde de Benavente, os principaes entre os seis individuos, a quem Henrique IV, nos ultimos momentos da vida, confiara a guarda de sua filha, a princeza D. Joanna.

A circumstancia de Isabel haver ficado de posse do castello de Segovia, aonde se conservava o thesouro do reino, que n'aquelle momento se elevava a dez mil escudos de ouro, influiu certamente nos resultados ulteriores d'esta guerra

de successão. Oviedo, o autor das «Quincuagenas» não hesita em afirmar que o apoio que André Cabrera, o alcaide do castello, prestou n'esta conjunctura á rainha, foi um dos principaes elementos do seu triumpho. E tanto o reconheceu Isabel que o nomeou depois marquez de Moya, com rendas sufficientes para sustentar a grandeza de sua casa e o esplendor do seu nome.

O marquez de Vilhena, filho do mestre de Santiago, que havia alcançado pelo seu valor pessoal o titulo de *primeira lança de Castella*, tornara-se entretanto o chefe do partido de D. Joanna, e procurava por todos os modos promover a resistencia contra os principes catholicos.

A causa de D. Joanna possuia grandes raizes entre os grandes de Castella, e nas representações que o marquez de Vilhena enviava a Luiz XI para o persuadir a continuar nas hostilidades contra Fernando, o catholico, e a alliar-se com o rei de Portugal, se mostra as forças de que podiam dispor os seus partidarios, que eram certamente consideraveis.

Segue-se o que o marquez de Vilhena, filho do fallecido mestre de Santiago, me encarregou de dizer a vossa senhoria, que não obstante que o rei de Portugal, agora rei de Castella, ha muito que com os seus predecessores, reis de Portugal, tenham boa alliança e paz com os reis e reino de Inglaterra, que n'isto não haja duvida, porque o dito rei de Portugal, agora rei de Castella, e todos os que se seguem, que são o marquez de Vilhena, que entrará com tres mil cavallos: o arcebispo de Toledo dois mil: o mestre de Calatrava dois mil: o bispo de Calatrava dois mil: o bispo de Burgos, trezentos: o conde de Ureña trezentos: D. Affonso, senhor do Montalvão, duzentos: D. Affonso e D. João, filhos bastardos do dito mestre de Santiago, quatrocentos: D. Pedro de Porto Carrero, o irmão do dito marquez, quatrocentos: a condessa de Medilin, filha do fallecido mestre de Santiago, trezentos: o duque de Arevalo, dois mil: o marquez de Cadiz, genro do dito mestre de Santiago, mil e quinhentos: o duque de Sevilha, dois mil: D. Affonso de Aguilar, seiscentos: o conde de Feria, quatrocentos: o rei de Portugal, quatro mil, e doze mil homens de pé; que o total se eleva a vinte mil homens de armas e ginetes, e de doze mil homens de pé: e todos estes e outros mui grandes senhores, duques, condes, cavalleiros, e fidalgos que até o não saberem a vinda do rei de Portugal a Castella, não se tem querido apresentar, mas creio que agora se determinaram porque no dia em que parti da villa de Madrid, vieram novas ao senhor marquez meu senhor, que o rei de Portugal viera a uma cidade de Castella, que se chama Ciudad Rodrigo, que está a dez leguas da entrada de Portugal, e a doze da cidade de Salamanca; e antes da minha partida, o dito marquez tinha mandado buscar a filha do rei Henrique, a quem Deus per-

doe, que a conservava n'uma praça sua para a entregar ao rei de Portugal, por mulher; esteja certo vossa senhoria que todos os senhores com todos os parentes, e o dito rei de Portugal, agora rei de Castella, ficarão ao serviço de vossa senhoria, e não serão do contrario, percam embora as suas pessoas, bens, e estados, e quando eu parti de Madrid, não havia ainda noticia de que Perpignão estava á vossa obediencia, e supplica a vossa senhoria o dito marquez e os do seu partido que não faça levantar o cerco, e que continue a fazer guerra no Aragão e na Catalunha, e que elles hão de collocar em tal extremo ao rei de Sicilia, que mediante a graça de Deus o hão de lançar fora do reino de Castella, e a todos do partido, e vossa senhoria esteja certo que o hão de fazer.» (*)

A princeza D. Joanna pela sua parte, enviava ás cidades e villas de Castella um manifesto dos seus direitos, documento por mais de um titulo notavel, e que seguramente apresentava a questão dynastica á sua verdadeira luz.

«D. Joanna pela graça de Deus rainha de Castella, de Leão, de Portugal, de Toledo, de Galliza, de Sevilha, de Cordova, de Murcia, de Jaen, do Algarve, Algecira, de Gibraltar, senhora de Biscaya e de Molina. Ao conselho, alcaides, aguazis, regedores, cavalleiros, escudeiros, e officiaes e homens bons da mui nobre e leal villa de Madrid: saude e graça. Bem sabeis que a todos é publico e notorio n'estes meus reinos e senhorios, como sendo el-rei D. Henrique meu senhor e pae, que haja gloria, casado publicamente em face da egreja com a rainha D. Joanna minha cara e amada mãe, estando e morando ambos juntamente como marido e mulher: eu pela graça de Deus fui nascida e creada d'elles, baptisada e havida d'elles, e de cada um d'elles, publicamente por sua filha natural e legitima, nascida do seu matrimonio legitimo, approvedo, e confirmado por dispensação, e por bullas da santa se apostolica, do seu motu proprio, e certa sciencia sobre elle dadas e outorgadas. E estando por então estes ditos meus reinos em toda a paz e socego e tranquillidade, fui logo jurada em concordia, e sem contradicção alguma intitulada e recebida e obedecida por princeza, e primogenita, herdeira e successora d'estes ditos meus reinos e senhorios, para depois dos dias do dito senhor rei meu senhor e pae, assim por sua senhoria, de seu consentimento e autoridade, e pelos prelados e grandes d'estes reinos, como pelos procuradores das

ciudades e villas d'elles, em côrtes, fazendo-as sobre isso, segundo que me fizeram obediencia e homenagem de fidelidade, que as leis d'estes meus reinos em tal caso dispõem. O qual assim mesmo foi depois outorgado e jurado particularmente por essa dita villa, e por as outras ditas cidades e villas em seus consistorios, e pelos alcaides das fortalezas d'ellas publica e solemnemente. E como quer que depois el-rei meu senhor, por atalhar e pacificar as grandes turvações e movimentos de guerra que se haviam começado n'estes ditos meus reinos, e por tirar e atalhar toda a materia de divisão e escandalo, accordou e prometeu, que o infante D. Afonso seu irmão e meu tio, que Deus haja, houvesse de casar comigo, e fosse jurado e intitulado por principe d'estes ditos meus reinos. Mas prouve a Nosso Senhor, que depois o dito meu tio fallecesse, e então a infanta D. Isabel sua irmã rainha de Sicilia, que agora é, com grande atrevimento, em grande offensa e menos preço da pessoa e dignidade real do dito rei meu senhor, se quiz de feito intitular por rainha d'estes ditos meus reinos, de que se esperava seguir n'elles maiores bulicios, escandalos e movimentos de guerras, males, e damnos, que os passados, e por os atalhar e obviar, e por mitigar e amansar a ousadia da dita rainha de Sicilia, e por que se reduzisse ao serviço e obediencia do dito rei meu senhor, e lhe promettesse, e jurasse como prometeu e jurou de estar sempre mui conforme com elle, e lhe obedecer e acatar e servir e seguir como a seu rei e senhor e pae e estar em sua côrte, e não se afastar d'elle, até que fosse casada: e deixar-se afastar de todos estes caminhos e coisas de que a sua senhoria se podera seguir desserviço e nojo, de casar com quem elle accordasse e determinasse com accordo e conselho de certos prelados, e fidalgos, que com elle estavam, e não com outra pessoa alguma, do que tudo fez juramento e voto solenne á casa santa de Jerusalem, e outorgou com escriptura assignada de seu nome e sellada de seu sello.»

Continua.

LOPES DE MENDONÇA.

MARINHA PORTUGUEZA.

A NAU CHAGAS.

Continuação

II.

O combate.

E noite! tudo está taciturno em volta do maritimo que debruçado da amurada nada distingue diante do navio.

A claridade da lua, de momento para momento tornando-se mais pallida, só por instantes ap-

(*) Preuves de Mémoires de Philippe de Comines Tomo III. Pag. 157, 158. O marquez de Vilhena, D. Diogo Lopes Pacheco, de que falla o documento, era filho do marquez de Vilhena D. Juan Pacheco, e foi um dos grandes que Henrique IV nomeara seu testamenteiro, juntamente com o cardeal de Mendoza, e os condes de Placencia e Benavente.

Esta mensagem de Luiz XI devia ter sido escrita nos primeiros mezes do anno de 1475.

parece por entre as nuvens despedaçadas pela brisa!

Este estado da noite tem suas poesias, mas são sinistras e ameaçadoras; e a quem não anda já de longo tempo costumado á vida do mar, causam bem penosa impressão.

A natureza assim velada, com estas vozes surdas, adormece o espirito e os sentidos! Busca o homem subtrahir-se a esta influencia pelo somno a que ella convida; e o somno é pesado e fatigante! A imaginação evoca lugubres idéas que se apossam do espirito ainda mesmo depois de acordado, e por muito tempo o opprimem com a sua cruel phantasmagoria!

Até a propria nau onde vae embarcado se presta a augmentar-lhe este turpor, parecendo um corpo inerte boiando nas ondas, ao passo que de quando em quando, qual peito humano, solta lugubres gemidos, e agudos gritos, pelos seus mastros, e pelo seu apparelho!

Como esta noite resumia em si todas as condições de sinistras ameaças, todos os elementos do terror! A lua desapareceu!... Ao largo, carregadas nuvens recortam o horisonte como um cinto de rochedos!... além erguem-se como fortalezas perfilando a sua medonha artilharia!... mais longe similham um campo funebre onde se projectam mil tumulos phantasticos!... depois um immenso navio que se despedaça contra negra e informe massa!... todos aquelles mastros veem abaixo com fragor, ou ficam pendurados a pedaços de velas!...

Tudo isto é extravagante e imprevisto. Dir-se-hia a morte traduzida por mil formas, e por mil caprichos.

Não era um novo maritimo pela mente do qual estas idéas percorriam... era elle já avezado aos perigos do mar, costumado a ouvir troar a artilharia, e sibilarem as balas... era Francisco de Mello, que, encostado á amurada da sua nau, pensava, não no perigo que elle proprio corria, mas no d'aquella gente confiada á sua guarda, e nos destinos d'aquella formosa embarcação, feita a tanto custo para augmentar a marinha de Portugal, e tão ricamente carregada de valores para engrossar o thesouro da fazenda portugueza.

A nau tinha avistado a ilha do Corvo; como, porém, a não podesse abordar, fizera-se na volta do Fayal. Ia n'este bordo, em a noite de 21 de Julho de 1594 — essa noite que acabamos de descrever tão cheia de sinistras apprehensões. Verificar-se-hiam ellas?!

Tinha rompido a aurora do dia immediato; e se com ella se dissiparam aquelles vagos sonhos da imaginação acordada, nem por isso se desfez a sonhada realidade.

Tres naus inglezas de trezentas a quatrocentas toneladas, commandadas pelo general Kleves, tripuladas por numerosas guarnições, e fornecidas de grossa artilharia de bronze, petrechos, e armas em tal copia, que qualquer d'ellas poderia só combater e affrontar com a nau Cha-

gas, se avistaram n'esse dia. Na guarnição d'esta, se bem o animo sobejava, escasseavam com-tudo os meios, porque as doenças tinham debilitado as forças do pequeno numero dos seus defensores; mas apesar da reconhecida superioridade dos inglezes, não se entibiaram os nossos, que não é de portuguezes amedrontarem-se com o perigo; e por isso, esforçando-se mutuamente, novamente juraram primeiro succumbir do que render-se.

Era meio dia quando aquellas boccas de ferro principiaram a enviar-se reciprocamente injurias de fogo. A postos cada um, todos procuravam cumprir com o seu dever. Não se poupavam os tiros da artilharia e da mosquetaria; globos de fogo cruzavam-se em todas as direcções; as granadas formavam no ar uma abobada de ferro. Era a morte, com todo o seu horroso cortejo, ora fazendo cair aqui uma victima; ora derrocando ali um mastro; ora despedaçando acolá uma vela, ou fazendo voar em estilhaços a madeira das naus inimigas. Mortes, feridas, e estragos era tudo quanto se via durante longas horas em que o accommettimento durou, com o mesmo vigor, sem afrouxar nem um minuto.

Observando os inglezes que a nau *Chagas* não tinha artilharia pela pôpa, collocaram-se-lhe na alheta varejando-a horriavelmente. Tinha sobrevivendo a noite, não para treguas ao combate, mas para lhe duplicar o horror. Os nossos compatriotas aproveitaram-se um momento das suas trevas, para cavalgar duas peças na pôpa, e safarem os guarda-lemes. A falta de artilheiros suppriram-na os fidalgos, que á porfia buscavam os postos mais perigosos.

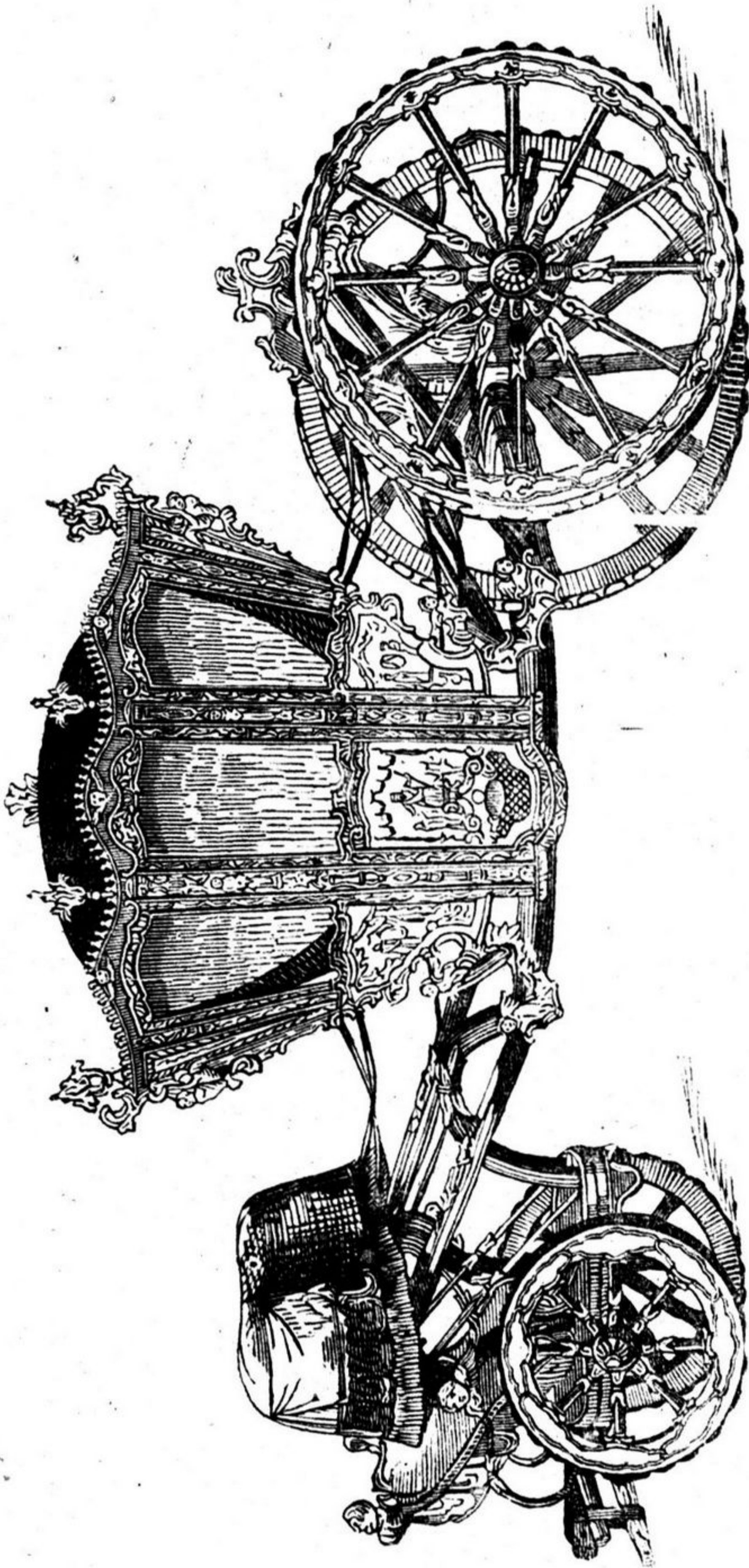
Ainda de noite conheceram os inglezes que já a-nossa nau estava artilhada na pôpa, pelo proprio damno que lhes causava. O sol ergueu-se emfim no horisonte arremeçando raios de luz sobre aquelle mar de destroços e de morte; e o combate seguiu ainda por toda a manhã com a mesma tenacidade que na vespera e de noite.

Não era o fogo inimigo capaz de fazer calar a artilharia portugueza. A bandeira fixada no tope da nau *Chagas* tremulava ainda animando os brios, e excitando os animos, dos que brios e animos só podiam perder com o derradeiro alento.

Tentam os inglezes o ultimo esforço — decidem-se á abordagem.

Era meio dia, quando a sua capitanea se prolongou com o costado da nau portugueza; o navio do capitão Anthony atacou-a pela pôpa; e o terceiro pela prôa. Confiava o inimigo em que succumbiriamos a este simultaneo ataque — elle, que media o valor pelo numero, esquecendo de que poucos, mas esforçados, valem mais do que muitos quando teem por si a má causa; que sem duvida o era o acto de pirataria que sobre nós tentavam exercer.

Da praia do Fayal presenceavam os seus habitantes esta horriavel scena. As quatro embar-



COCHE REAL (vide n.º 28.)

cações assim atracadas não similhavam mais de que um corpo gigantesco incendiado e involto em turbilhões de fumo. Uma espantosa descarga de artilharia e mosquetaria, no entanto que das gaweas choviam panellas de polvora, alcanzando dardos e pedras, preludiou por ambos os lados o combate a ferro frio.

Não é possível commemorar aqui em poucas linhas os actos de heroicidade praticados n'este investimento. Todos os da nau *Chagas* se houveram como esforçados, e seu derradeiro fim proveu que a fama de seus braços não desmereceu a gloria de suas armas, e o esforço dos seus peitos. D. Rodrigo de Cordova, que teve ambas as pernas despedaçadas por uma bala de artilharia, conduzido em braços para a coberta, quasi expirante, levantando a enfraquecida voz, dizia: *Senhores, isto recebi em meu offício: ninguém desampare o seu posto; antes obrigado que rendido!* Pedro Alvellos, já conhecido como valente soldado, succedeu-lhe no cargo da defesa da pópa, e rechaçou os inglezes, coadjuvado por Nuno Velho, que com uma lança de fogo, ajudado de Luiz Leitão, e Belchior Martins, os constrangeu a retirarem-se, pegando-lhe fogo no panno.

Baldados foram os esforços dos da capitanea que, com duas consecutivas abordagens, tentavam de novo ganhar a nau, arrojando-se impavidamente sobre os seus defensores. Braz Corrêa, Nuno Velho, Antonio das Povoas, e outros lhes fizeram sentir por tal forma o peso dos braços portuguezes, que escarmentados se retiraram, deixando alguns mortos; e tão acossados foram, que na precipitação da fuga outros caíram ao mar. Belchior Martins, pelejando valorosamente n'uma d'estas abordagens, foi mortalmente ferido por uma bala de mosquete, occupando logo o seu posto Bento Caldeira.

O valente Francisco de Mello corria todos os postos, animando os seus, providenciando á defesa, e protestando que se não renderia em quanto houvesse um homem que o ajudasse n'ella. A acção acompanhava a palavra. Pelejava e governava tão habilmente, que se não ficou devendo nada ao valor e á disciplina, menos o ficou devendo á sciencia. Suas manobras conseguiram evitar a abordagem tentada pelo navio inglez, que se conservava atravessado pela proa.

Ainda um ultimo esforço, e a contenda tinha por fim de se decidir já com gloria para os portuguezes se fossem vencidos. A capitanea inimiga tentou a terceira abordagem. Como a sua guarnição era numerosa, os inimigos atacavam com gente fresca; e os nossos, valendo-se sempre das mesmas forças, mostravam-se superiores ao numero, e eguaes no esforço aos que de novo entravam na peleja. Os inglezes, como se a superioridade numerica não bastasse, apresentavam-se cobertos de rodellas d'aço e capacetes, atacando com impeto, confiados em que as nossas forças estariam exaustas; e para que o ardor dos portuguezes afrouxasse, levantaram no por-

taló uma bandeira branca convidando-nos á rendição. Mallograda tentativa! O primeiro que caiu morto foi o que empunhava a bandeira. A immensidade do risco parece que duplicava o valor dos nossos, e apoz tão renhida como porfiada lucta os inglezes foram expulsos, deixando sobre o convez crescido numero de feridos e mortos.

Aqui se poz ponto á abordagem, porque os inglezes não se atreveram a tentar outra, conservando-se então afastados, mas sustentando com a nau aturado fogo de artilharia e fusilaria.

Por duas vezes pegou fogo na capitanea ingleza, e outras tantas conseguiram extingui-la. Continua

NÃO CHORES.

Choras? Soffres grande dôr!
Os teus olhos rasos d'agua
Dizem que a tacita magoa,
Dos cuidados vem do amor;
Do amor de mãe desvelado,
Que teu filho tendo ao lado
Pedes por elle ao Senhor!

Inquieta a justa affeição
Busca sondar o futuro,
Que lhe quizera seguro,
O materno coração!
E com intimo transporte,
Procuras doirar-lhe a sorte,
Na fervorosa oração!

Teus votos ergues a Deus,
Que te hade escutar contente;
Na terra dar-te-ha clemente,
O que pedes tanto aos ceos!
Preces de mãe, carinhosas,
Espinhos tornam em rosas,
No porvir dos filhos seus!

Pede ao Eterno, com fervor,
Para teu filho a ventura,
Porque a materna ternura,
Jámais se esquiva o Senhor!
Deus é justo e medir sabe
Quanto cuidado enche e cabe
No maternal, santo amor!
Não chores, mãe, que a teu filho,
Dará Deus benções e amor!

OS CAFRES.

A palavra *cafre* (ou *Caffers* em inglez) e de origem arabica. Vem de *Kaffir*, que significa mentiroso, ou infiel. Os europeus a tomaram das tribus mais ao norte, que designavam assim os seus vizinhos do sul, que haviam continuado estranhos á religião de Mahomet. Desconhece-se a origem d'esta palavra hottentote. Este povo deno-

mina-se a si proprio *Quaiqac*. Duvida-se que as tribus da Africa meridional correspondam a um nome generico. Como quer que seja, a palavra cafre é empregada para designar os que habitam além do limite da colonia ingleza do Cabo da Boa Esperança. O que hoje vamos dizer reporta-se principalmente ás tres tribus—*Amazase*, *Amenteba*, e *Amaponède*. Estas occupam o paiz entre a colonia ingleza e Porto-Natal.

Os viajantes são concordes em representar os cafres como uma raça de formas agradaveis; com o corpo bem proporcionado; e de costumes benevolos. Apesar de terem cabellos crespos, e a pelle negra, acha-se na sua forma alguma coisa da dos europeus. Barrow pretende que são de origem arabica, e fundamenta esta opinião na reconhecida semelhança dos arabes com os cafres, que differem d'aquelles só em a côr ser mais carregada. Tem os mesmos costumes; nomadas como elles, praticam tambem a circumcisão, e constroem do mesmo modo as habitações. Dois viajantes que bem os estudaram, Pringie e Kay, apoiam esta hypothese com um forte argumento. Dizem que tendo os beduinos penetrado em todas as partes do continente africano, não será de admirar que antigamente se estabelecessem na Cafraria.

Os cafres cobrem-se ordinariamente com pelles de animaes. Sua principal riqueza consiste em rebanhos; e a sua unica occupação e o cuidado de os crear. A felicidade do cafre está em calcular o meio de augmentar o numero e belleza do seu gado. Cada um d'elles conhece tão bem o rebanho que lhe pertence, que, por mais numeroso que seja, só com uma vista d'olhos vê se alguma cabeça lhe falta; distingue cada um dos animaes pelo geito dos cornos, ou a mais pequena mancha na pelle; e taes signaes nunca mais lhe esquecem, depois de os ter visto duas, ou tres vezes. Os cafres conduzem o seu kraal, ou rebanho, ao cume d'uma collina, do lado exposto ao sol, e ahi o cercam com palissadas bem espessas, para o abrigarem do frio durante a má estação, e mais que tudo para o livrarem dos ataques das feras que infestam o paiz.

O kraal, ou campo dos rebanhos, é o lugar das suas reuniões publicas. O gado é a sua moeda; compram uma mulher com elle. Um cafre quando falla das suas riquezas, faz entrar no calculo as filhas depois do numero de cabeças de gado. Resgatam-se de um crime pagando certo numero de bois.

Um dos seus mais favoritos divertimentos consiste em cavalgar um boi, como o europeu monta um cavallo; e o mais extraordinario é que industriam estes animaes a correrem ligeiramente. O cafre serve-se da vacca, como o arabe do cavallo, e o lapão da rhenne. Do boi forma o seu vestuario, e o meio de transporte; d'elle tira o seu sustento; d'elle faz a sua familia.

O leite é o principal sustento d'estes povos; porém, do mesmo modo que os arabes, deixam-

no azedar antes de o tomarem; e juntam-lhe caldo d'arroz, de cidra, uma especie de canna d'assucar, alguns legumes etc.; poucas vezes comem carne de vacca, por economia, ou por espirito de lucro; tem horror á carne de porco. Nenhum cafre cria aves, nem sabe para que sejam bons os ovos; nem gostam de peixe, apesar de o terem excellente nos seus mares.

Em certas festas matam um boi, e comem-no solemnemente. Estas festas tem lugar á volta da caça ao elephante, e é sempre o heroe da caça quem faz a despeza. A's vezes comem um rhinoceronte em vez do boi. Morto o animal, parte-se em pedaços, e come-se cru, sem pão, sem sal, sem tempero algum. Esta circumstancia prova que taes povos poucas vezes se nutrem de carne, pois não ha um unico povo selvagem que fazendo uso d'ella não a saiba preparar d'algum modo.

Os cafres passam geralmente por serem um povo benevolo. Concordam n'este ponto todos os viajantes e missionarios. Nem por isso deixam, porém, de se entregarem a certos usos que tem caracter de rudeza e ferocidade; mas este defeito deve attribuir-se á superstição e ignorancia. Distinguem-se dos outros povos, tão atrasados como elles na civilisação, por um genio franco e intrepido, que contrasta com a desconfiança e medo, que em geral inspira aos selvagens tudo que para elles é novo.

Os viajantes são unanimes n'esta opinião sobre o caracter dos cafres. Ha tres seculos e meio que Vasco da Gama lhes chamava *boa gente*. Ha cincoenta annos tendo ali naufragado o americano Hoat, recebeu n'este paiz uma hospitalidade e socorro que não teria igual nas regiões da Europa.

Não é possivel possuir ao mesmo tempo todas as virtudes sociaes. Os cafres são humanos; porém igualmente ladrões. Mr. Kay, que passou onze annos nos desertos da Cafraria, pregando o Evangelho, teve entrévistas com varios povos, principes, e princezas do paiz; em todas estas circumstancias testemunhavam-lhe mais gosto pelo seu chapeo e fato do que pela doutrina que elle queria ensinar. Comtudo deve dizer-se em elogio dos cafres, que se abstem de roubar quando se deposita confiança n'elles. Quando mr. Kay entregava algum objecto á guarda de qualquer pessoa do seu auditorio, tinha a certeza de lhe ser restituído, mediante, já se sabe, a devida retribuição.

Os cafres governam-se, como todos os selvagens, como os outros habitantes da Africa, e os indigenas da America do norte. A autoridade dos chefes é uma especie de despotismo tradicional; a dignidade de chefe cabe ao mais forte, e mais astuto. Respeita-se-lhe a vontade com illimitada obediencia. Nota-se que a mór parte das vezes preferem a astueia á força, para obterem seus fins.

É em extremo degradante a condição da mulher cafre; porque ella é escrava, e lar-

parte da riqueza do homem, sendo até mesmo um dos seus meios de negocio. E' a mulher quem construe a cabana, cava a terra, acarreta agua etc. Custou ao marido dez ou doze cabeças de gado; e deve portanto indemnisa-lo pelos seus serviços, que só tem fim com a morte de um d'elles. Quando a separação tem lugar pela morte do marido, cura-se ella d'um mal, para cair n'outro peior; porque os usos d'aquelles povos ordenam que ella não herde mais do que um vestido novo, isto é, um coiro de vacca, e abale para o deserto a passar o tempo do lucto. Este uso é geral; as proprias mulheres do chefe, porque o cafre pode ter quantas quizer, não são isemptas d'este extravagante dever. Queima-se a cabana do marido com tudo quanto encerrava, sem exceptuar o que é proprio da mulher; e depois empurram-nas assim semi-nuas para o proximo bosque. Apesar do brutal tratamento de que são victimas, conservam por muito tempo o frescor da mocidade; porém depois, como todas as mulheres da zona africana, fazem-se feias de metter medo.

Os selvagens amam a guerra; o cafre, porém, que não é inclinado a ella pelas suas naturaes disposições, é arrastado ás vezes pelo habito e circumstancias; porque avisinhado a povos barbaros tem ás vezes de pegar em armas, ou para roubar gado, ou punir o roubo de uma vacca que seja. Actualmente estes povos estão em boas relações de amizade e trafico com a colonia ingleza, que a Grã-Bretanha ahí possuiue vae por cincoenta annos.

O amor tem tres epocas; na da esperanza a mulher é soberana, o amante escravo; na do goso ambos se reputam ditosos; na posterior a mulher fica escrava, o homem tyranno.

Os enfeites, e louçanias, servem de encobrir, ou disfarçar os defeitos das mulheres; aquellas que são bellas, não carecem para realçar, senão de modestia, e pejo.

A CIDADE DE HUE'-FO, NA COCHINCHINA.

Para ir do mar a Hue'-Fo, que é a capital da Cochinchina, duas vias se offerecem aos viajantes: o rio de Hue', e a estrada real. Infelizmente só os juncos, e barcos de pequena tonelagem tem accesso ao rio, cuja foz tambem é pouco commoda. Quanto a estrada chamada real, não passa de ser um pessimo caminho cortado por muitas quebradas e regatos, que tem de se atravessar em pontes arruinadas e estreitas de modo que, sendo tão pequena como é a distancia do mar a capital, não se ganha ella sem grande perda de tempo.

Hue'-Fo é uma grande cidade composta de dois recintos, um chamado a cidade interior, e

o outro a exterior. Esta ultima está cercada de baluartes construidos de tijolos, tem sessenta pés de altura, e fazem parte d'um systema de fortificações á Vauban, levantados pelos engenheiros francezes que o rei Gya-Long conduziu de França, quando visitou a côrte de Luiz XVI. Penetra-se n'aquelle recinto por dez pontes, correspondentes a outras tantas portas bem construidas e solidas. São calçadas de marmores, e sobrepostas de torres que medem quasi cem pés de alto.

O que se chama a cidade interior é uma vasta fortaleza, de forma quadrada, e que tem dez leguas de perimetro. N'ella habita o imperador com as suas mulheres. Nenhum mortal, afora os seus guardas, ahí tem accesso; e para a defender ha mil e duzentos canhões assestados, promptos a vomitarem a morte sobre os assaltantes.

Além da fortaleza ou *Thang-Noi*, que está no centro da cidade, contém esta diversos ministerios, palacios dos principes e mandarins, quartéis, prisões etc. Vista da parte de fora tem a cidade um aspecto imponente: magnifica plantação de arvores cerca os baluartes, e forma um bello passeio; mas o interior é triste, não só por causa da architectura bastarda que os cochinchinezes adoptaram, como por falta de moradores. Estes habitam pessimas casas, feitas de taipa, sustida por cannas entrelaçadas, e entregam-se a um miseravel commercio de arroz e gado etc.; e afora as coisas indispensaveis á vida, escusado é procurar nos seus armazens o que constitue os elementos de negocio propriamente dito; porque a rapacidade dos mandarins não permite aos pobres cochinchinezes terem mais do que o estrictamente necessario.

Publicou-se a comedia-drama em cinco actos *Os dissipadores*, por Alfredo Hogan. — Preço 400 réis.

Publicou-se a comedia em 3 actos, *Ninguem julgue pelas apparencias*, por Alfredo Hogan — preço 360 réis.

Publicou-se a comedia em 3 actos e 9 quadros. *STAMBUL*, original de Aristides Abranches — preço 300 réis.

Publicou-se o 2.º volume, nitidamente impresso, da obra — *Os varões illustres do Brasil durante os tempos coloniaes*, por J. M. Pereira da Silva.

Publicou-se o 3.º volume da *ENEIDA* de Virgilio, por Barreto Feio — preço 1:000 réis.